

LT 103

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**Magaíza na literatura moçambicana**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção  
do grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane

Por Raimundo Wilson

Tutor dr. Gilberto Matusse

Maputo, 1997

LT-103

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**Magaíza na literatura moçambicana**

F. LETRAS D.E. 12	
R. E.	26169
DATA	/ /
AQUISIÇÃO	Oferta
COTA	LT-103

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção  
do grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane

Por Raimundo Wilson

Tutor dr. Gilberto Matusse

Maputo, 1997

## Abreviaturas e siglas

- CEA = Centro de Estudos Africanos
- Depto = Departamento
- Pág. = página
- pp. = páginas
- RM = O Regresso do morto, Sulemane Cassamo
- XM = Xitala Mati, Aldino Muianga
- KK = Karingana ua karingana, José Craveirinha
- UEM = Universidade Eduardo Mondlane
- vol. = volume
- XI = Xigubo, José Craveirinha

**Dedicatória**

Aos meus pais Wilson e Meriamo

aos meus irmãos

à minha namorada

aos meus professores

aos meus colegas

aos meus amigos

## **Agradecimentos**

Não existem palavras capazes de exprimir a enorme gratidão pelas informações e apoio que recebi durante o curso e na preparação desta dissertação.

À minha irmã Anastácia pelo apoio financeiro e tradução de textos (inglês-português)

Ao meu irmão Félix (dr. Felisberto Wilson) pelo apoio financeiro e bibliografia de História

À dra Ana Maria pela bibliografia de teoria literária

Um agradecimento muito especial ao meu supervisor que de uma forma empenhada e intelectualmente estimulante orientou a realização da pesquisa.

## Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## Resumo

O presente estudo levanta uma discussão sobre a problemática da representação do emigrante magaíza na literatura moçambicana, tentando validar a hipótese de que "Os textos fazem a desmitificação do herói-magaíza".

Neste contexto, faz uma interpretação, tendo como *corpus* poemas de Noémia de Sousa e de José Craveirinha, e de contos de Suleman Cassamo e Aldino Muianga.

Ao longo da pesquisa foi feita uma breve resenha sobre a história do magaíza e a sua representação na literatura moçambicana. Além disso, são demonstradas as funções sociais do mito, e como é que o mito pode produzir o texto literário.

O estudo articula uma série de conhecimentos como ferramenta operatória para se explicar as estratégias usadas para a desmitificação da imagem social do herói-magaíza.

Com a amostra é evidenciada a forma como os autores do *corpus* pegam no mito e constroem novas histórias, revelando o anti-herói. Nesta linha de desmitificação é usada a concepção de N. Frye que permite a interpretação do mito como uma ilusão e a experiência trágica (acidentes, doenças e mortes) nas minas como sendo a desilusão.

Os textos demonstram que a ida às minas não é uma emigração heróica, ao desqualificar o protagonista do processo, o magaíza. No *corpus* abundam referências, ilustrando suas fraquezas perante o sistema que explora a sua ilusão.

Sumário	pág.
1. Introdução	01
1.1. Objectivos	02
1.2. Justificativa	02
1.3. Hipótese	04
1.4. Metodologia	04
1.5. Apresentação do corpus	06
2. Magaíza: História e Literatura	13
2.1 Magaíza e a história do sul do Save	13
2.2. Magaíza e literatura	19
3. Mito héroi-magaíza	25
3.1. Função social do mito	30
3.2. Mito como produtor do texto	34
4. Desmitificação do magaíza	39
4.1. Visão disfórica	41
4.2. Magaíza: o anti-herói	50
4. Conclusão	60
5. Bibliografia	63



## 1. Introdução

(Apresentação)

O presente trabalho pretende analisar a problemática do emigrante-magaíza na literatura moçambicana. Tem como base um *corpus* recolhido a partir de poemas de Noémia de Sousa e José Craveirinha, e de contos de Suleman Cassamo e Aldino Muianga.

O trabalho subdivide-se em quatro partes. A primeira é relativa ao contexto histórico em que surge o magaíza e a sua representação na literatura. A segunda analisa a questão do mito social e o mito como produtor do texto. A terceira interpreta o *corpus* demonstrando em que medida as narrativas (poemas de tendência narrativizante e contos) fazem a desmistificação do herói magaíza, usando-se também a conceptualização de Northrop Frye para desenvolver a questão da visão disfórica do magaíza. E, por último, são feitas breves conclusões.

Sumariamente a investigação procura validar a hipótese de que os dados empíricos em análise foram produzidos tendo em conta a imagem mítica social de heroicidade do emigrante e tem como cerne a análise do *corpus* que desmistifica o herói-magaíza.

### 1.1. Objectivo

O trabalho levanta uma discussão sobre a literatura moçambicana abordando a problemática do emigrante às minas sul-africanas. Achamos que a matéria é de grande interesse para o maior conhecimento da literatura do país.

Com esta investigação pretendemos colocar a imagem do magaíza no conjunto dos estudos sobre a literatura moçambicana, destacando o elemento mítico, ao qual parece se inscrever o *corpus* em análise. Pretendemos também compreender a referida figura literária, correlacionando-a com o contexto histórico do país, sobretudo do sul do rio Save.

### 1.2. Justificativa

Segundo Koche<sup>1</sup> a justificativa destaca a importância do tema abordado, tendo em vista o estágio actual da ciência, suas divergências ou contribuição que pretende proporcionar ao pesquisar o problema abordado.

Sendo assim, este trabalho parece-nos pertinente pelo facto de ser desenhado para tratar especialmente o problema da representação da emigração no contexto da literatura moçambicana, área ainda por investigar.

Na pesquisa bibliográfica não encontramos uma obra sequer relativa à literatura do emigrante. Não existe também qualquer reflexão sobre o *corpus* do magaíza, nem um levantamento sistemático (qualquer indicação, enumeração) dos textos que abordam o fenómeno de emigração de mineiros moçambicanos à África do Sul.

As referências existentes estão enquadradas no contexto de outras discussões ou temas da literatura moçambicana (moçambicanidade, Negritude, etc.). Esta é a primeira tentativa de recolha de um *corpus* em obras dispersas (contos e poemas).

Qual é a sua contribuição?

Achamos que o estudo constitui um excelente contributo para o maior conhecimento da literatura moçambicana, em geral, e da representação do magaíza na escrita do país, em particular, tendo em conta que a emigração para a África do Sul marcou de forma indelével e profunda toda a dinâmica histórica, política, económica, cultural e linguística do sul de Moçambique nos últimos 150 anos.

---

<sup>1</sup> - FACHIN, O. (1993), *Os Fundamentos de Metodologia*, São Paulo, Atlas, pág.97

### 1.3. Hipótese

Os textos fazem a desmitificação do mito herói-magaíza.

Na formulação desta hipótese tivemos em conta o facto de haver necessidade de enquadramento da mesma no sistema conceptual, segundo Fachin<sup>2</sup>. Neste contexto, ao formularmos esta hipótese submetemo-nos aos conceitos do mito.

### 1.4. Metodologia

Para validar a nossa hipótese de pesquisa vamos obedecer a seguinte metodologia:

- ◆ Investigar as condições históricas que ditaram a origem do mito herói-magaíza, usando para tal dados da história do Sul de Moçambique, tendo em conta os conceitos antropológicos sobre o mito e as condições da sua origem: a situação de *manque*.
- ◆ Fazer uma breve resenha sobre a representação do magaíza na literatura moçambicana.

- ◆ Demonstrar como é que o mito pode produzir um texto literário, tendo em conta que o criador da obra literária pode *a)* inserir-se numa determinada figura mítica ou *b)* distanciar-se do mito.
  
- ◆ Interpretar o *corpus*, justificando em que medida os dados constituem *i)* a desmitificação da imagem social do herói-magaíza e *ii)* que a experiência do magaíza nas minas é disfórica.

Nesta linha, procuramos articular uma série de conhecimentos, como por exemplo sobre o mito, dados sobre as condições históricas, sociais e culturais em que surge, e, sobretudo, interrogar a sua função. Estes conhecimentos são a base para se demonstrar que o mito é produtor do texto (histórico-social e literário). Na parte final, o estudo procura evidenciar a desmitificação e a visão disfórica.

Por razões de ordem metodológica privilegiamos a análise em detrimento da clássica revisão bibliográfica com um capítulo específico. Ao invés disso, como a pesquisa comporta uma certa inter-disciplinaridade (Antropologia, História e a própria Literatura), os conceitos operatórios e breves revisões bibliográficas encontram-se nos respectivos capítulos de uma forma implícita.

---

<sup>2</sup> - FACHIN, O., op. cit. pág. 61

### 1.5. Apresentação do corpus

O *corpus* é constituído por contos e poesia.

Os poemas foram produzidos por Noémia de Sousa e José Craveirinha no período anterior à independência. A escolha destes dois autores teve em conta o facto de serem os mais representativos do período em referência, quanto à questão da escrita sobre o magaíza

Os dois poetas enquadram-se na chamada Negritude africana em língua portuguesa e pertencem a um período marcado por um processo de consciencialização que implica o questionamento de valores culturais e a busca da identidade. Os seus versos, nesta e noutras temáticas, têm a capacidade de antecipar o caminho, propor uma solução O poema "Magaíza", de Noémia de Sousa, denuncia a problemática do: emigrante, (*"...da mocidade e da saúde que ficaram soterradas / lá nas minas do Jone*); enquanto que "Sia Vuma", de Jôse Craveirinha profetiza, uma mudança, enquadrando-se na já referida antecipação : *"E o comboio dos magaízas / será transporte escolar dos meninos da linha. / e os compondes celeiros do nosso milho / SIA-VUMA!"*

O *corpus* da poesia espelha, ou é exemplo de uma literatura feita em função da negação - não ser português. Condiz com a sua época, em relação à construção de uma identidade moçambicana, à imagem da moçambicanidade, matéria que já foi objecto de estudos.

Os contos seleccionados são de autores do período pós-independência: Suleman Cassamo e Aldino Muianga. Esta parte do *corpus* foi possível com a recolha de alguns contos em colectâneas dos dois autores supracitados. Contudo, certos contos não são propriamente sobre o magaíza, mas contêm extractos representando a emigração para as minas da terra do Rand.

A junção de contos e poemas na mesma grelha obedeceu aos seguintes factores:

- ◆ Personagem magaíza: tanto os versos como os contos têm a mesma figura-protagonista, o mineiro;
- ◆ Tendência narrativizante da poesia sobre o emigrante: apresenta tempo, espaço, narra uma história, na qual o magaíza é elemento chave;

História literária: com o agrupamento da poesia e contos, torna-se possível analisar este tema desde a génese da literatura moçambicana até às gerações mais recentes do pós-independência.

No que respeita à tendência narrativizante dos poemas sobre Magaíza, ilustraremos como isso se processa nos parágrafos seguintes, começando com uma breve introdução da questão do género desde a antiguidade clássica.

A noção de género desde que foi problematizada pela primeira vez na Grécia antiga, casos de Platão, n' *A República*, e Aristóteles na *Poética*, vem sofrendo transformação até aos nossos dias. As fronteiras das categorias tendem a atenuar-se e complementarem-se. É todavia a divisão tripartida (lírico, épico, dramático) a adoptada na poética Ocidental<sup>3</sup>. Contudo, resumidamente sublinhar que a teoria clássica é normativa e prescritiva, enquanto que a moderna é claramente descritiva e admite que espécies tradicionais possam "misturar-se" e produzir uma espécie nova (como a tragicomédia)<sup>4</sup>.

Tendo em conta esta divisão, os poemas do *corpus* são principalmente do género lírico, e, mesmo assim, partilham as características dos outros géneros, especialmente do épico, como se pretende demonstrar. O verso foi no passado muito utilizado nos poemas épicos na antiguidade clássica, no Renascimento, tal é o caso de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

---

<sup>3</sup> - LEITE, A.M., (1991), *A Poética de José Craveirinha*, Lisboa, Vega, pág. 88

<sup>4</sup> - WELLEK, R., WARREN, A., (1962) *Teoria da Literatura*, Lisboa, Publicações Europa-América, pp. 292-3



A nossa amostra em versos contém elementos narrativos, como espaço, personagens, tempo e tema, contam-se factos desembocando numa fusão da poesia com a narrativa, notando-se assim um processo de subversão dos géneros, o que permite agrupar os poemas e contos

*Mamana Saquina*  
*na miragem deslumbrante da cidade cosmopolita*  
*ficou cheia de feitiço*  
*na hora de chorar:*  
*-Ambanine João!*  
(KK, pág. 74)

*Madevo*  
*foi no comboio de meio-dia*  
*casa de caniço ficou lá na terra*  
*mamana escondeu coração no xicatauana*  
*água de chuva secou no céu.*

(KK, pág. 44)

Estas descrições e narrações instituem uma polaridade entre o sujeito (poético) e o mundo objectivo, virado para o exterior (em vez do seu eu-interior), no qual o real é susceptível de integrar a poesia. Estas características conferem a estes versos a possibilidade de tratar domínios do real que lhe são tradicionalmente marginais. É neste contexto em que o magaíza aparece nos poemas dos dois autores como personagem chave.

Mondlane diz que “Nenhum destes escritores tinha experimentado o trabalho forçado; nenhum deles esteve sujeito ao Código de Trabalho Nativo, e escreveram sobre o assunto como espectadores, lendo as suas próprias reacções intelectualizadas nos espíritos do mineiro africano e do trabalhador forçado.”<sup>5</sup>

*Uma vez era o lobo  
disfarçado nas pupilas de um homem  
com música de rins palpitando harpas  
changanas nos flancos das mulheres  
sem elas darem por isso na técnica  
rural da sua cidadania aonde uma corja...*  
(KK, pág. 40)

Na última estrofe temos logo no primeiro verso a inversão da forma “era uma vez” ou em ronga, *karingana ua karingana*. Logo se pré-anuncia que se vai contar uma história.

Contam-se nos poemas elementos narrativos. As suas personagens, que vêm nomeadas, funcionam como paradigma de outras mil histórias semelhantes<sup>6</sup>, são os exemplos a própria figura-tipo do magaíza, que dá título ao poema “Magaíça” de Noémia de Sousa. Outras personagens são o “Madevo”, “Mamana Saquina”,

---

<sup>5</sup> - MONDLANE, E. (1976) *Lutar por Moçambique*, Lisboa, Sá da Costa, pág. 117

<sup>6</sup> - LEITE, A.M., op. cit., pág. 94

"N'gelina". Abundam também referências a coisas como o "comboio"; a espaços: a estação, a "city", "compound", "administração, "Djone". Refere-se também ao "Ah! Gado de raça nos currais d'África", "Ah! Gado-gente de Moçambique", versos que nos remetem à história contemporânea de África e do Sul de Moçambique, e, especialmente naquela época em que ganhavam eco o Panafricanismo e a Negritude. Esta história é-nos revelada em fragmentos e parece ter sido a base para a tessitura de uma poesia narrativizante. Seriam, pois, versos que aproximam o lirismo à narratividade<sup>7</sup>

*E novamente*

*outra vez o gado está escolhido*

*outra vez o gado está comprado*

*outra vez o gado está vendido outra vez!*

*Ah!*

*Mais outra vez o grande xitimela de migôdini*

*Mais outra vez o gado-gente vendido outra vez.*

(XI, pág. 64)

---

<sup>7</sup> - MATUSSE, G. (1993) *A Construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa* (Tese de mestrado), Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, pág. 89

A repetição "Mais uma vez..." refere-se à necessidade de o mineiro se oferecer para contratos sucessivos, e aos vários centros de distribuição dentro da África do Sul.

O magaíza como personagem de uma narrativa entra na leitura de Aguiar e Silva<sup>8</sup>, quando diz que o texto poético pode manifestar tanto o modo lírico como o narrativo e ou modo dramático e os seus respectivos géneros e sub-géneros. Exemplos: poema épico, poema heróico cómico, tragédia e comédia em verso. E Leite<sup>9</sup> no seu estudo sobre a narratividade dos poemas do "*Karingana Ua Karingana*" diz que a obra hesita entre o lírico e o épico.

Quanto ao tema, ao invés de temas particulares, próprios da poesia que geralmente se circunscreve nas preocupações do eu, temos no caso presente o tema social magaíza, como figura-tipo.

Leite<sup>10</sup> diz que o tempo do poema e do sujeito tendem a fundir-se num só, no tempo lírico e sempre presente da enunciação, ao passo que a temporalidade narrativa se revela funcional e referencial.

---

<sup>8</sup> - SILVA, V.M.A. e, (1991) *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, pág. 591

<sup>9</sup> - LEITE, op. cit., pág. 113

## 2. Magaíza: História e Literatura

Neste capítulo da nossa pesquisa vamos resumir a história do sul de Moçambique, focalizando o magaíza, apresentando as crises, a situação de *manque* na origem do mito e as mudanças económicas e sociais no século XIX que ditaram a migração para as minas sul-africanas. Far-se-á uma breve referência a outros itens, como a proletarização dos camponeses, a monetarização da sua economia, a procura da sobrevivência, os reflexos da migração na divisão social do trabalho e o *lobolo*.

Depois, será feita uma correlação do *corpus* com a história da região a sul do Save, visualizando a forma como se faz a representação do magaíza na literatura moçambicana, tomando como referência os quatro autores dos dados em análise.

### 2.1. Magaíza e a história do sul do Save

---

<sup>10</sup> -LEITE, op. cit., pág. 113

Muitos estudiosos convergem em sumarizar a história de Moçambique desde os finais do século passado (XIX), como sendo de transformação da região num reservatório de mão-de-obra para as plantações e minas. Os estudos desembocam na chamada proletarização dos camponeses da região, que segundo MARC WUYTS<sup>11</sup> constitui um dos piores tipos de herança do passado colonial. O trabalho migratório teria criado um proletariado que não foi acompanhado pelo desenvolvimento das forças produtivas domésticas, ou seja, um proletariado sem condições materiais para a sua existência dentro do país.

Este longo período da História de Moçambique aparece subdividido em dois grandes períodos: O primeiro (1885-1930)<sup>12</sup>, e o segundo vai de 1930, no qual temos o sul a especializar-se em economia de prestação de serviços à África do Sul (incluindo a questão dos mineiros naturalmente). Nessa altura, as regiões norte e centro do país estavam em grande parte sob a administração das companhias majestáticas<sup>13</sup>.

No sul<sup>14</sup>, ao contrário das zonas citadas, a economia de plantações não penetrou significativamente mesmo em regiões como os vales do Limpopo<sup>15</sup> e Incomati,

---

<sup>11</sup> - WUYTS, M., (1978) *Camponeses e Economia rural em Moçambique*, <sup>12</sup> - Depto de História – Fa História de Moçambique, vol. II, Maputo, Cadernos Tempo, pp. 209-210

<sup>13</sup> - PÉLISSIER, R. (1988) *História de Moçambique: Formação e Oposição 1854-1918*, vol. II, pp. 80-99

<sup>14</sup> Depto de História da Faculdade de Letras – UEM (1988) *História de Moçambique* Vol. I, Maputo, Cadernos Tempo, pág. 27

em que existiam excelentes condições para o seu estabelecimento, em termos de recursos naturais. Sustenta-se que tal aconteceu porque historicamente a área foi incorporada pelo capital mineiro sul-africano, como sua reserva de mão-de-obra - um processo que foi confirmado através dos contratos inter-governamentais (matéria compilada por Covane, na sua obra intitulada *As Relações Económicas entre Moçambique e África do Sul 1850-1964 (acordos e regulamentos principais)*)<sup>16</sup>. Além desta emigração oficial há registos de emigração clandestina.<sup>17</sup>

Pélissier num estudo relativo ao princípio do século XX diz que a emigração para a África do sul constituía uma das maiores fontes de riqueza portuguesa e que a exportação de mão-de-obra em Inhambane, era tão intensa como em Gaza<sup>18</sup>.

O segundo período<sup>19</sup> é o do Nacionalismo Económico, desenhado pelo então Primeiro-Ministro de Portugal, A. Salazar.

Neste breve resumo reconhecemos a referida periodização da história de Moçambique, mas identificamos um elemento comum que torna os dois períodos

---

<sup>15</sup> - Região em que só na segunda metade do século XX (1954) foi estabelecido o primeiro colonato in *História de Moçambique* (1994), Maputo, UEM, vol. III, pág. 165

<sup>16</sup> - COVANE, L. (1988) *As Relações Económicas entre Moçambique e África do Sul 1850-1964 (acordos e regulamentos principais)*, Maputo, UEM - Arquivo Histórico de Moçambique, estudos n-6

<sup>17</sup> - -----, "Emigração clandestina de moçambicanos para as minas e plantações sul-africanas", in *Boletim do Departamento de História da UEM*, n-8

semelhantes: o magaíza, que é aliás, a razão do nosso estudo. Nas províncias de Gaza, Inhambane e Maputo, registou-se uma massiva emigração, que foi oficialmente formalizada em 1897<sup>20</sup>. O campesinato ficou sem muito da sua força produtiva, devido ao recrutamento para as minas. Esta emigração foi impulsionada pela descoberta de diamantes em Kimberley, no ano de 1867. E, cerca de uma década depois (em 1886) iniciou-se a exploração aurífera na região de Witwatersrand. Contudo, a emigração é anterior à mineração.

Feliciano<sup>21</sup> refere que no começo dos anos 1850 inicia-se uma corrente migratória importante no Sul de Maputo e de Inhambane para as plantações e abertura de caminhos de ferro das colónias inglesas do Natal e Cabo, regularizada em 1875. Entretanto, no final dos anos 1860 surgira uma outra linha de emigração para as minas de diamantes e carvão do Transvaal, cujos angariadores teriam sido espalhados por todo o sul de Moçambique. Como consequência, esta região do país tornou-se monetarizada com libras. No sul do Save, o campesinato ficou sem muitos trabalhadores devido ao recrutamento para as minas<sup>22</sup>, como consequência registaram-se modificações na divisão social do trabalho (homens, minas; mulheres, campo) e no *lobolo*, que passou a ser feito com libras

---

<sup>18</sup> - PÉLISSIER, R., op. cit. pág. 330

<sup>19</sup> - Depto de História (1994) *História de Moçambique* vol. III, Maputo, UEM

<sup>20</sup> - CEA, (1977), *O Mineiro moçambicano*, Maputo, CEA, pág. I (Estudo não publicado)

<sup>21</sup> - FELICIANO, J. F. (1989), *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, vol. I, pág. 75

<sup>22</sup> - \_\_\_\_\_, op. cit., pág. 5



amealhadas no *compound*<sup>23</sup>. Refere-se, por exemplo, que “o enquadramento social do homem e da mulher, através do casamento, dependia muitas vezes de contratos sucessivos do homem nas minas e plantações dos territórios vizinhos, onde ganhava o dinheiro para o casamento e os impostos”<sup>24</sup>.

As razões desta adesão maciça ao trabalho migratório prendem-se à várias dimensões, como por exemplo a crise e a tal situação de *manque* a ser desenvolvida ao longo deste trabalho quando tratarmos a questão do mito heróimagaíza. Em menos de 30 anos produziu-se o hábito de emigração em toda a população masculina a sul do paralelo 22. Das dimensões das crises o autor refere-se a duas:

A primeira: A crise vivida nesta região durante todo o período da dominação *vangune*, nomeadamente no tempo da guerra civil entre Muzila e o seu irmão Mawewe. Esta guerra provocou a emigração definitiva para o Transvaal de grupos que ali foram conhecidos por *magwamba*. Outro efeito da crise então vivida foi a enorme diminuição da capacidade reprodutiva das unidades tribais, pelos desequilíbrios causados na constituição e situação do *muti*, das tribos e dos grupos de parentesco (relativamente ao número de produtores, de mulheres, às estruturas de produção e circulação).

---

<sup>23</sup> - JUNOD, H. A. (1974), *Usos e Costumes dos Bantos*, Lourenço Marques, Imprensa Nacional de Moçambique, vol. I pág. 267

A guerra (segundo o mesmo autor) produziu outros desequilíbrios na quantidade e qualidade de recursos exploráveis e originou a dispersão dos camponeses para as regiões de chuvas mais irregulares. Outro problema foi a diminuição da caça e da grande riqueza acumulada em gado bovino, que era apropriado dizimado e consumido pelos *vangunis*.

A segunda dimensão: Uma certa resposta ao apelo da economia monetária, que permitia encontrar uma alternativa às consequências da crise, assegurando às comunidades o reencontro de novas dinâmicas sociais, através das libras transformadas em bens de prestígio. Os emigrantes, ao regressarem à casa, traziam dinheiro e bens para dar e ou para trocar por mulheres, gado e o resto, para consumir socialmente em bebidas no seu regresso.<sup>25</sup>

Ki-Zerbo analisa a emigração como fuga ao trabalho forçado ou miseravelmente pago: "...vão para as minas da África do Sul ganhar dinheiro para darem à família da noiva ou para se instalarem."<sup>26</sup>

Feliciano<sup>27</sup> refere que de facto, com a perda dos bois, o *lobolo* passou a ser constituído à base das enxadas, cada vez em maior número entre os anos 1840 e

---

<sup>24</sup> - Depto de História, (1994), *História de Moçambique*, Maputo, UEM, vol. III, pág. 6

<sup>25</sup> - CAPELA, J. (1973) *O Vinho para os pretos*, Porto, Afrontamento, pág. 123

<sup>26</sup> - KI-ZERBO, J. (1972) *História de África*, Lisboa, Publicações Europa-América, vol. II, pág. 138

<sup>27</sup> - FELICIANO, op. cit., pág. 76

1875. Ora estas eram adquiridas através da permuta de marfim. Como os elefantes diminuíram durante a década 1860 e quase desapareceram antes do final da década seguinte (70), as libras substituíram-no a partir dessa época. Assim as libras tornavam-se tão importantes e eram igualmente úteis nas crises de seca e fome, na compra de alimentos, pois qualquer um as aceitava. Além disso, os jovens, ficando sem caça, tornaram-se livres para o trabalho migratório.

Desde então, até aos nossos dias, a emigração não pára, seguindo os contornos políticos, económicos e históricos do país e da região. Há vários estudos sobre o processo, como por exemplo, Harries<sup>28</sup>, sobre o simbolismo e a sexualidade nas minas; e Loforte, que se debruça sobre os migrantes e a sua relação com o meio rural<sup>29</sup>. Outro autor é Meillassoux<sup>30</sup>, que analisa as estratégias usadas para tornar a mão-de-obra mais barata no sub-continente.

### 2.3. Magaíza e Literatura

---

<sup>28</sup> -HARRIES, P., *La Symbolique du Sexe: L'identité Culturelle ao Début de L'exploitation des Mines d'Or du Witwatersrand* - in Cahiers d'etudes Africaines, 120, XXX (4), pág. 189-192 (traduzido)

<sup>29</sup> - LOFORTE, A. M., (1987) *Migrantes e a sua Relação com o meio rural* (Trabalhos de Antropologia)

<sup>30</sup> - MEILLASSOUX, C. (1977), *Mulheres, Celeiros e Capitais*, Edições Afrontamento, pp. 191-194

Magaíza surge na génese da literatura moçambicana no conjunto de temas, como a prostituição e o contratado. Uma leitura diacrónica permite-nos ver a sua presença em todas as gerações.

Na história das letras do país aponta-se o nome de Rui de Noronha como o precursor da moderna escrita moçambicana, com textos que demonstram a influência do terceiro romantismo português.

A figura do magaíza aparece, entretanto, na geração do pós-guerra (2ª Guerra Mundial), integrada numa poesia que tinha abandonado a linha romântica de Noronha, com manifestações poéticas que anunciam o carácter de intervenção que a poesia viria ter nestes anos.

Estudos referem que *“é a poesia de Noémia de Sousa e de Craveirinha que enceta a afirmação de uma africanidade próxima da negritude<sup>31</sup>”*. Sustenta-se que nesta nova literatura, um tópico que captou bem a atenção de ambos os poetas foi o sistema de trabalho migratório, cujas consequências sociais para os trabalhadores e as suas famílias, particularmente, são a brutalização a que estes eram submetidos. Concluem que *“de facto a palavra magaíza tornou-se, para os intelectuais conscientes, um símbolo dos males da estrutura colonial.”<sup>32</sup>*

Com esta nova escrita emergente, as figuras humanas são agora os “outros”, diferentes das esboçadas pela literatura colonial ou do seu precursor, Noronha.

Passam a figurar no discurso, tornando-se figuras principais, os representativos

---

<sup>31</sup> - Depto de História (1994), História de Moçambique, Maputo, UEM, vol. III, pág. 226

dos colonizados, sobretudo, como diz Laranjeira<sup>33</sup>, os mais despossuídos de todas as coisas, por exemplo os contratados, as prostitutas, os mineiros.

A personagem do emigrante surge, assim, no conjunto de uma nova irrupção desta poesia que segundo investigadores constitui a afirmação de uma nova africanidade próxima da Negritude. Esta nova geração, de acordo com a periodização de Mendonça,<sup>34</sup> situa-se no segundo período da literatura moçambicana (1945/7-1964).

Noémia de Sousa produziu quase toda a sua obra conhecida entre 1948 e 1951, altura em que publicou alguns poemas no jornal *O Brado Africano* e na revista *Itinerário*. Sobre a problemática da emigração tem o poema "Magaíça".

A poetisa escreve numa época em que emergia o continente africano, desdobrado em vários símbolos como a Mãe-África, a energia e a redenção. Mendonça<sup>35</sup> refere-se aos ecos longínquos e distantes da América de Harlém, a adesão ao mundo negro, que na época pugnava pela sua afirmação, após o passado de escravidão.

---

<sup>32</sup> - op. cit. pág. 228

<sup>33</sup> - LARANJEIRA, P. (1995) *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Afrontamento, pág. 501

<sup>34</sup> - MENDONÇA, F. (1988) *Literatura Moçambicana: A escrita e as histórias*, Maputo, UEM, pp. 33-45

<sup>35</sup> - MENDONÇA, F., op. cit., pág., 24

Ferreira caracteriza Noémia de Sousa como "*Elemento activo da sua geração na formulação de uma poesia radicalmente moçambicana, exerceu profunda influência nos jovens poetas da década de 50*".<sup>36</sup>

O mineiro se acha no conjunto de poemas de denúncia, lado a lado com versos sobre o estivador, a prostituta, que agrupados representam um quotidiano decadente.

Outro autor que se inscreve nesta época e temática é José Craveirinha. Nos seus poemas o emigrante-magaíza ganha também eco, inscrevendo-se igualmente na chamada Negritude em língua portuguesa. O facto é documentado pelo poema "Gado Mamparra-Magaíza", inserido no seu primeiro livro, *Xigubo*, publicado, em 1964, pela Casa dos Estudantes do Império<sup>37</sup>.

Para Laranjeira<sup>38</sup>, a linguagem manifestatária do *Xigubo* é, por tudo o que foi dito, acto de legitimização e de conquista de poder simbólico, estético-linguístico, na medida em que entra em desacordo com os valores literários dominantes e consagrados da sociedade colonial em que se insere.

---

<sup>36</sup> - FERREIRA, M. (1986), *Literaturas Africanas de Expressão portuguesa*, 2 vols, 2-ed., Lisboa, ICALP, pág. 83

<sup>37</sup> - MENDONÇA, F., op. cit. pág., 24

<sup>38</sup> - LARANJEIRA, P. op. cit. pág. 501

Ainda em José Craveirinha encontramos o magaíza em obras posteriores, dentre figuras-tipo, como exemplo, a prostituta. Na lista da sua produção sobre a emigração, citam-se os poemas “História do Magaíza Madevo”, “Mamana Saquina”, “Lobo Calaboço e Crown Mines”, contidos no livro *Karingana ua Karingana*, publicado em 1974, em Lourenço-Marques.

Com a independência nacional em 1975, nasceram novos autores, com contos onde aparece o magaíza. Referimo-nos a Sulemane Cassamo, com *O Regresso do Morto* e de Aldino Muianga, com *Xitala Mati*. Apesar de não constituírem obras assumidamente sobre a representação da emigração, parte das suas narrativas figura o mineiro.

Os dois contistas, entretanto, distanciam-se dos seus predecessores. Não seguem a linha intervencionista da Negritude, ou seja não fazem eco do passado. Contudo, o magaíza continua como foi nos poemas acima referidos, como uma personagem que não narra a história, apesar de ser personagem principal.

Os contos são feitos com um narrador onisciente que nesta condição, sabe tudo sobre o magaíza, as suas virtudes e sobretudo os seus defeitos. Assim, narram e descrevem inúmeras situações onde ele aparece desempenhando o papel de anti-herói, despido, portanto, de qualquer heroicidade.

Nesta linha, a nova geração se equipara com a geração de Noémia de Sousa e José Craveirinha, porque os contos comportam narradores que corroem a imagem social do magaíza, identificando-o com o anti-herói.



### 3. O Mito Herói-Magaíza

O mito magaíza, como qualquer mito é uma narrativa, que conta uma história dando sentido ao universo, pretendendo assim tornar o mundo inteligível e organizado. Tendo em conta os conceitos sobre o mito, a heroicidade do magaíza é uma história social com funções específicas dentro da sociedade que o aceita, pois, permite coesão do respectivo grupo social.

Muitos autores se debruçaram sobre o conceito do mito e a sua função social. Para A.J.Saraiva *“Os mitos históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo”*<sup>39</sup>.

Roland Barthes no seu livro intitulado “Mitologias” diz que *“O que o mundo fornece ao mito é um real histórico, definido, remontando tão longe quando seja necessário, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram; e o que o mito restitui é uma imagem natural desse real.”*<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> - MACHADO, A.M. (1983), *O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, pág. 14

<sup>40</sup> - BARTHES, R., (1978) *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, pág. 209

Machado<sup>41</sup> ao se debruçar sobre o mito afirma, quanto às suas funções, que o importante é descobrir até que ponto num determinado momento histórico e cultural, o mito surge como necessário. Noutra obra intitulada "*O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*", o mesmo autor diz que "... o mito eleva o tema a um nível de catarse (no sentido propriamente aristotélico), tornando-o um elemento sincrónico."<sup>42</sup>

Segundo Lévi-Strauss, o mito integra-se no sistema de valores e, assim, o herói-magaíza funciona como um ideal a ser seguido. E ao entrar no conjunto do sistema de valores, constitui referência do grupo social.

Estudiosos sobre a questão do mito, defendem que ele é de certo modo inseparável à situação de frustração fundamental, real ou sentida como real de um grupo<sup>43</sup>. Sendo assim, o herói-magaíza como mito social supre falhas, oferecendo, por exemplo, aos jovens explicações das razões porque existe o seu mundo. Oferece igualmente imagens pedagógicas da natureza e do destino da sociedade camponesa. E - tendo em conta os estudos de Barthes<sup>44</sup> - o mito herói-magaíza acaba organizando o mundo, os grupos respectivos sem

---

<sup>41</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., (1988) *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70 op. cit., pág. 132

<sup>42</sup> - MACHADO, A.M. (1983), *op. cit.* pág. 12

<sup>43</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., (1988), *op. cit.*, pág. 128

<sup>44</sup> - BARTHES, (1975), *op. cit.*, pág. 210

contradições. Ou seja, a sociedade camponesa acaba se organizando ao nível do discurso sem as tais contradições, como ilustram os trechos que passamos a transcrever:

*Em Mangwe a vida transcorre sem inquietação nem sobressaltos. O regresso ocasional de um filho da aldeia das distantes minas do Rand celebra-se com lautas comezainas, regadas orgias e sonoríssimas batucadas. É noite de homenagem aos homens de têmpera rija.*

(XM, pág. 44)

Neste contexto, este mito vai ter uma dupla função: *i*) um valor compensatório e *ii*) função homogeneizante, fazendo desaparecer as clivagens entre as diferentes componentes sociais originadas por este vazio, mortes, doenças, etc.

Autores que se debruçam sobre a questão do mito coincidem quando afirmam que na origem do mito das sociedades está uma situação de *manque*. Para os etno-centristas, corresponde à violência fundadora de sociedades sem escrita. Para o nosso *corpus*, achamos que seria a incapacidade de reprodução do grupo dentro das suas fronteiras, o que origina a necessidade da emigração, como foi demonstrado no capítulo “Magaíza: História e Literatura”.

Na leitura que fizemos, pareceu-nos fundamental a interpretação antropológica em que se concebe o mito numa dimensão colectiva. De acordo com Lévis-

Strauss, situa-se no plano de linguagem inter-individual<sup>45</sup> e ao fazer parte do sistema de valores, permite *dissimular* contradições económicas e sociais<sup>46</sup>. Partindo dessa premissa, é possível interpretar o mito constituído à volta do emigrante como ligado a todo um sistema para a sobrevivência do grupo. O magaíza vai funcionar como modelo que permite à juventude ter referências de heroicidade e exemplos a seguir, e neste caso concreto: ir às minas.

*Partiu aos dezanove anos sem dizer adeus" (RM, pág. 72)*

*Mussassane, orgulho de M'pssane, emigrara jovem para o Rand nos tempos conturbados do chibalo.*

*De lá gatafunhou uns lacónicos rascunhos a convidar os irmãos a seguir-lhe o exemplo. E todos foram à aventura. (XM, pág. 21)*

A ida aos *compounds* vai funcionar também como pré-destinada e indispensável fonte de reprodução dos camponeses. Esta interpretação permite-nos ver o magaíza-herói como uma narrativa social que está ligada à sobrevivência dos grupos sociais. Por um lado, ao criar-se uma história homogénea acaba assegurando uma determinada coerência aos camponeses que o aceitam. E, por outro lado, temos a história circular, a-temporal, onde se eliminam todos os outros defeitos; valoriza-se a nova imagem positiva, algo comum em todos os mitos.

---

<sup>45</sup> - COPAINS, J. et al, (1974) *Antropologia: Ciência de sociedades primitivas?*, Lisboa, Edições 70, pág. 312

<sup>46</sup> - COPAINS, J. et al, op. cit., pág. 313

Wellek e Warren<sup>47</sup> afirmam que o mito é um fenómeno permanente e recorrentemente necessário, como as colheitas e fertilidade humana. Advogam que é requerido à semelhança da iniciação dos jovens na cultura social e a adequada provisão para o futuro dos mortos. Os mesmos autores sustentam que o mito constitui narração de histórias anonimamente compostas relativas às origens e aos destinos. Certos estudiosos classificam de mítica a escatologia cristã: a Segunda Vinda e o Juízo Final são imagens – como história futura – de valorações presentes, permanentes, morais e espirituais.

As sociedades do sul do Save criaram este mito, como todas as sociedades criam os seus mitos, pois, eles são indispensáveis. Entretanto, o uso do mito herói-magaíza liga os autores do *corpus* à sociedade e à história do país.

Wellek e Warren<sup>48</sup> sustentam que no caso do escritor da literatura criadora, falar da necessidade do mito é sinal da necessidade que sente de uma comunhão com a sociedade, do reconhecimento da sua situação de artista desempenhando uma função dentro da sociedade.

Com o herói-magaíza temos uma história homogeneizante, sem a situação de falha. A busca de sobrevivência nas minas é engrandecida e a figura deste

---

<sup>47</sup> - WELLEK, R., WARREN, A. op.cit. pág. 236

<sup>48</sup> - Ibid. pág. 237

processo é elevada ao estatuto de herói, cujo regresso é motivo de provas de veneração.

### 3.1. As funções do mito

Quanto às funções do mito, Wellek e Warren<sup>49</sup> dizem que “*os motivos relevantes para a teoria literária são provavelmente, a imagem ou quadro, o social, o sobrenatural (ou não naturalista ou irracional), a narrativa ou história, o arquetípico ou universal, a representação simbólica dos nossos ideais atemporais como eventos ocorridos no tempo, o programático ou escatológico, o místico.*”

Na nossa leitura, o mito magáza pode ser interpretado como funcionando como exemplo, uma referência indispensável para as sociedades camponesas ao sul do Save. É por isso que o emigrante é venerado e a sua volta constroem-se histórias magníficas, que tendem a ser seguidas pela juventude, o que é demonstrado pelo *corpus*. Este facto é confirmado por Machado<sup>50</sup>, quando diz que: “O mito é sempre exemplar”.

---

<sup>49</sup> - WELLEK, R., WARREN, A., (s.d., *op. cit.*, pág. 236

<sup>50</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H (1988), *op. cit.* pág. 130

*Ainda pequeno, Moisés via com admiração os magaiças desembarcando no comboio da Manhiça, as malas cheias, os olhos brilhantes de orgulho. E o "País do Rand" começou a atraí-lo.(RM, pág. 72)*

O fenómeno emigração é caracterizado nos poemas e nos contos como difícil. Este aspecto torna coerente a heroicidade do magaiça, porque são missões difíceis como batalhas ganhas, revoluções triunfantes, descobertas, libertação ou salvação de povos, entre outras, que constroem os heróis.

*Aquilo é só para homens que os têm no lugar - conclui com o bocejo preguiçoso, já noite adiantada, afagando impudicamente as partes baixas. (XM, pág. 44)*

Esta heroicidade tem importância, uma vez que age na sociedade como modelo, mobiliza a juventude para as minas, pelo facto de ser (o mineiro) digno de ser imitado. O mito constrói uma história sem contradições, constrói a ilusão.

No excerto seguinte, vejamos como é reproduzida a imagem da sociedade camponesa a sul do Save:

*O recém-chegado abastado e admirado, metido em farpela vistosa e escorrendo brilhantina, a todos conta, com sapiência e ar distante, as*

*longas peripécias de que foi protagonista principal e vencedor antecipado. (XM, pág. 44)*

Nos *compounds* se acham os bens que são integrados na dinâmica da reprodução do grupo social. Exemplo: o *lobolo*, como se pode ler no excerto seguinte:

*Nyeleti guardava para Foliche (...) seu corpo xonguile (...)*

*De Foliche, das suas malas e fardos de magaiça, o pai da Nyeleti queria fato e gravata, sapatos e "hop-stick". Dele viria o mucume, o lenço para a Mabana, a mãe da Nyeleti, a nkeka e o frasco de rapé para a velha Magugu, a mãe do pai da Nyeleti. O centro da roda dos madoda, no dia do lobolo, queria também de Foliche, fora do relógio de brilhar como sol, do anel de ouro, dos brincos pequeninos parece gotas de orvalho, da roupa de valor, roupa fina cheia de rendas, isto para Nyeleti; fora do dinheiro (...) um garrafão de mulemela, cheio até à garganta, de sope, o vinho branco.*

*Por isso, mufana Foliche foi na leva de contratados.*

(XM, pág. 25)

Nos extractos, temos o narrador que retrata um ambiente foliante que se repete em homenagem a cada regresso do mineiro. O seu retorno é colorido por danças e festa na aldeia, um conjunto de práticas reservadas aos heróis, aqueles que fazem feitos extraordinários. Assim, o mito herói-magaiça seria produtor do texto (narrativa histórica social) que preenche uma situação deficitária, dando um sentido ao mundo camponês do sul de Moçambique, recriando a vida e dá coerência ao grupo.



As ilusões criadas pelo mito acabam desvalorizando outras actividades, como por exemplo o ensino formal:

- *Não vou mais à escola - decidi - O professor bate muito.*
- *Vais ser burro de carregar sacos - sentenciava a mãe.*
- *Burro não, mineiro. Estudar para quê?*
- E acrescentava com ombros cheios
- - *Volto com massónica para varrer toda a gente!* (RM, pág. 72)

A escola perde valor, a favor das aliciantes minas, pois, este mito tem um forte impacto sobre a juventude, ao ponto de desvalorizar a educação, a fonte do saber. Ademais, na leitura do conto, não são evidentes os benefícios resultantes do ensino. As fontes para o futuro provêm das minas do Rand e não do saber.

Ao percorrermos os textos não encontramos passagens que validam a escola. No horizonte de expectativa dos jovens há um ponto de referência que é o mito da heroicidade do magaíza. E, assim, conclui-se que a sua imagem é modelar na sociedade camponesa do sul de Moçambique.

As minas, não são vistas apenas como o garante do futuro dos jovens, mas também como fontes de poderes sobrenaturais, como espelha o termo "*massónica*".

### 3.2. Mito como produtor do texto

Na escrita literária, o mito<sup>51</sup> dá coerência ao texto, mas antes disso, o mito é produtor do texto. Ao longo da história os mitos têm sido matéria de obras e de estudos.

Machado refere-se ao abuso da palavra “mito” nos estudos literários<sup>52</sup>, facto que nos leva também a uma necessidade de definição operatória, na qual sublinhamos que o mito é uma narrativa.

Abundam mitos na literatura da antiguidade grego-latina, no Renascimento, entre outras épocas. Exemplo: o tema “Cristovão Colombo”, pela figura de navegador que ele representa. Na escrita portuguesa, temos o mito sebastianista; na literatura cabo-verdeiana são frequentes as referências do mito

---

<sup>51</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., op. cit. pág. 130

<sup>52</sup> - Idem pág. 125

do mar (partida) e terra (seca), com casos de temas decorrentes da emigração como “terra longe” (sinónimo da emigração coerciva e penosa)<sup>53</sup>.

No caso de Moçambique, o mito também é matéria de que se apropriam os homens da pena, caso concreto no nosso *corpus*, o magaíza.

Partindo da proposição de que o mito pode ser produtor do texto, vamos ver até que ponto constitui elemento primordial na organização dos textos que abordam a questão da emigração para as minas da terra do Rand.

O elemento chave para tal é a figura mítica do emigrante magaíza, pois é a personagem principal de todas as narrativas e versos narrativizantes, constituintes do *corpus*. Refere-se (por exemplo) à partida, ao regresso e uma outra série de cenários (como doença, festas, sua sapiência, seus defeitos, etc.). Trata-se de um conjunto de elementos e situações em que o protagonista é o magaíza. Nesta condição, o mito da sua heroicidade torna-se um elemento primordial da organização dos textos literários sobre a emigração, é, assim, motor da produção textual. Os escritores extraem a sua história e sobrepõem-na, desenvolvendo uma nova história em que os protagonismos do magaíza resumem-se na sua desvalorização.

---

<sup>53</sup> - HAMILTON, R.G. (1984) *Literatura Africana, Literatura necessária: Moçambique, Cabo verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, pág. 178

*Mussassane finara-se na última madrugada vítima de incurável mal do peito que já vinha incubando há largos meses no longínquo Djone.*

(XM, pág. 21)

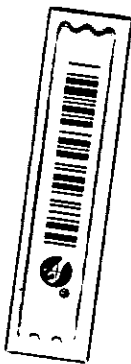
O emigrante aparece como personagem principal, e sobretudo, como matéria que serve de base para a construção dos textos, ora em interpretação. A sua leitura pode ser feita tendo em conta que as histórias (poesia narrativizante e contos) têm como base a imagem social de heroicidade do magaíza. São narrativas escritas na sequência do mito social.

O corpo de Mussane, metido em fato-macaco de ganga coçado e largo, contorce-se num bailado singular. As pernas são finas e angulosas. Levanta muito os joelhos pontiagudos e pisa com mil cuidados como se ferissem as asperezas do chão.

Aqui e mais adiante pára e interrompe a caminhada. Apoia-se aos troncos ásperos dos cajueiros. Arfa, tosse com muito ruído e leva a mão ao peito no gesto instintivo e inútil de acalmar as pontadas. E a vida foge-lhe aos poucos nas borras vermelho-escuras da saliva que lhe caem junto aos pés.

(XM, pág. 22)

A escrita moçambicana procura contar de uma outra forma a história da emigração para as minas, opondo-se à história social. A poesia e os contos distanciam-se do mito de heroicidade, apesar da sua dependência do mito. Constata-se a construção de uma nova história com inúmeros factos que



destroem a boa imagem do mineiro, construída pela sociedade camponesa ao sul do Save.

*Daquela vez chegara a M'pissane às portas da morte. A família agourava-o, ansiosa, na estação, com planos rolando nas cabeças. Pela mão hesitante do confidente Jacob Macanga escrevera do Rand a anunciar o seu definitivo regresso e a gravidade do mal que ameaçava a sua vida.*

(XM, pág. 21)

Os trechos acima ilustram como se pode produzir o texto em função do mito. Reconta-se de uma outra maneira a história do sul de Moçambique, marcada pelo domínio do capital estrangeiro. É, portanto, neste cenário onde os autores do *corpus* buscam a matéria das suas obras, ou seja, estão em dependência com o mito. Contudo, esta narrativa social não coincide com a escrita literária, pois, subverte reescrevendo a narrativa social, com a introdução de novos relatos, sobretudo, daquilo que o mito como história homogeneizante omite.

O narrador onisciente descreve como é a imagem social, porém, ao mesmo tempo distancia-se do mineiro. Limita-se a narrar os factos desconstruindo a sua imagem de heroicidade. Os contos e os poemas são de um narrador não participante. Descrevem a personagem magaíza compartimentando o *corpus*, de tal forma que fica nítida a separação entre aquilo que é a imagem social e as observações que correspondem ao ponto de vista do narrador, que acaba sendo todo o discurso da desmitificação. Os atributos são todos sociais e o narrador usa-

os, para construir a paródia, denúncias e profecias. Só para citar alguns exemplos, no caso de Craveirinha, em "Sia Vuma" e noutro poema "Gado Mamparra-Magaíza".

A imagem social veiculada pelo *corpus*, em relação ao magaíza é de um ser perfeito e detentor de riqueza. Recorre-se (por exemplo) aos termos "*abastado*", "*admirado*", o que também reporta a imagem da sociedade em relação ao magaíza.

Quanto à auto-imagem: o próprio mineiro, segundo o texto, auto-constrói a sua heroicidade. Trata-se de uma imagem em que ele detém o saber, que lhe confere um alto *status*, daí que é retratado como tendo um comportamento de "*ar distante*".

Além da adjectivação supracitada, os termos "*sapiência*", "*protagonista principal*" e "*vencedor antecipado*", ilustram esta forma de estar do mineiro.

#### 4. Desmitificação Magaíza

Neste capítulo vamos demonstrar como é que os autores do nosso *corpus* desmitificam a imagem do magaíza, elemento homogeneizante e compensador da história social do sul do Save. Partimos do princípio de que os dados da nossa amostra foram escritos tendo em conta o mito do herói magaíza, ou seja, se inscrevem numa determinada tradição mítica.

Tomamos em consideração que o mito é uma narrativa, uma história dum grupo (colectividade, sociedade, dum conjunto cultural), que se pode alimentar da

história social, sendo entendido como uma reexplicação da história utilizada<sup>54</sup>. Segundo Machado<sup>55</sup>, os autores podem inserir-se, voluntariamente, numa tradição mítica, mas noutro plano, podem modificar esse fundo mítico, dando-lhe uma feição pessoal, apropriando-se assim da história colectiva.

É nesta base que nos propomos a provar com dados textuais como é que o *corpus* desmitifica a imagem social do emigrante às minas ao apresentá-lo como homem sem qualidades, provando o anti-herói. Reis e Lopes sustentam que o anti-herói decorre da sua configuração psicológica moral, social e económica, traduzida, em termos de desqualificação<sup>56</sup>. Neste contexto, o protagonista magaíza é banalizado ao ser apresentado com defeitos e limitações.

Neste capítulo sobre a desmitificação, usamos também a concepção de N. Frye para demonstrar a passagem da ilusão para a desilusão.

Desmitificar o héroi-magaíza significa (naquilo que se pode ler nos textos), construir uma nova história. Essa nova história tem nova verdade, que não é de compensação, pois são narrativas literárias contendo falhas, desilusões, o anti-herói e, sobretudo, as contradições na origem do mito.

---

<sup>54</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., op. cit. pág. 135

<sup>55</sup> - MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., op. cit. pág. 129

<sup>56</sup> - REIS, C. / LOPES, A.C.M., (1994), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, pág. 35



Como é que isso é feito?

#### 4.1 Magaíza: Visão disfórica<sup>57</sup>

No capítulo referente ao mito herói magaíza discutimos em que medida o mito funciona como modelo a ser seguido, ou seja como influencia a ida às minas.

Agora, importa evidenciar que o mito herói-magaíza corresponde à inocência, uma vez que representa o mundo como uma narrativa daquilo que a sociedade gostaria que fosse. Por isso, apresenta uma narrativa homogênea, circular e sem clivagens, onde ganha relevo o elemento ideal.

O magaíza é visto como sábio e herói, portanto um exemplo a seguir. Nesta condição, cria na juventude a euforia de um mundo repleto de coisas positivas, cria sobretudo o mundo desconhecido, desejável. O conhecimento do mundo real das minas desconstrói esse mundo ideal pela dureza da realidade, que é exactamente oposto às expectativas positivas criadas pelo mito do herói-magaíza.

---

<sup>57</sup> - Análise e interpretação do corpus na base da concepção de N. Frye, in SILVA, V.M.A: (1991) *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, pp. 375-381

Sendo assim, nesta parte da nossa exegese vamos ver até que ponto estamos perante uma ilusão que confrontada com o mundo real origina a tal desilusão. Usaremos como base de análise os estudos de N. Frye, autor que concebe a literatura como complexa e coerente organização de modos, categorias e de géneros.

Os modos são: mítico, fantástico, mimético superior, mimético inferior e o modo irónico; enquanto que as categorias narrativas são "romance", ironia, tragédia, comédia. Quanto aos géneros, FRYE parte do princípio de que os géneros têm como fundamento o radical da representação. Neste contexto, as palavras podem ser recitadas, cantadas ou entoadas ante um ouvinte; podem ser escritas para um leitor.

A concepção de N. FRYE permite ver o mito herói-magaíza como representando o mundo da inocência, e todo o processo da emigração como sendo o mundo da experiência, com todas as consequências resultantes.

No *corpus* são inúmeras as referências nas quais o magaíza é tido como debilitado, portanto, sem qualquer heroísmo, sendo vítima da emigração que usa a sua força a troco de uma ilusão de uma vida melhor. Sobre este aspecto, MATUSSE<sup>58</sup> afirma que o magaíza aparece frequentemente numa atmosfera

---

<sup>58</sup> - MATUSSE, G. (1993), op. cit., pág. 92

trágica, naquele sentido em que a tragédia significa a passagem de euforia resultante da ilusão para a disforia, que resulta da desilusão.

O poema “História do Magaíza Madevo”, de José Craveirinha, neste aspecto é elucidativo. A personagem Madevo teria partido iludido à busca de uma vida melhor nas terras do Rand, no entanto, o mundo da experiência mostrou-se adverso e as suas ilusões esvaíram-se quando no regresso atravessou Ressano Garcia com “sífilis”, “com brilho de escárnio no candeeiro à cinta”, com a “sofisticada hemoptises”.

O mesmo poema – que é uma narrativa de uma história singular, mas que se repete noutros contos do *corpus*, tal é o caso de “Filho de Mussassa” – é demonstrativo de que a ida às minas referida nos nossos dados, é o mundo da experiência trágica.

A esposa do Madevo, N’gelina, em vez da festa para receber o marido, tem que vestir luto, realizar cerimónias - a missa:

*N’Gelina agora  
vai matar cabrito  
vai fermentar bebida  
e vai fazer missa N’Gelina  
que os mochos fatais ruflaram asas no Jone  
e bicaram Madevo no âmago dos pulmões.*

(KK, pág. 45)

Madevo teria sido vítima das ilusões. Matusse<sup>59</sup> diz que a ilusão está ainda presente na metáfora da embriaguez de Madevo com os objectos sofisticados, que a emigração lhe possibilitou adquirir. Pela ironia do destino, conta-se entre os tais objectos, a sífilis e a hemoptises.

O facto de viajar no vagão de mercadoria ilustra também que é iludido, está desumanizado e longe de ser um herói, pois, o seu estatuto não humano, não lhe dá oportunidade sequer de ascender à categoria de heroicidade.

A poetisa Noémia de Sousa, no seu poema intitulado “Magaíça”, refere-se ao cenário de propaganda que acaba iludindo os homens para enveredarem pelo caminho em direcção às minas. Vejamos, pois, como o referido poema conta a história:

*A manhã azul e ouro dos folhetos de propaganda  
engoliu o mamparra,  
entontecido todo pela algazarra  
incompreensível dos brancos da estação  
e pelo resfolegar trepidante dos comboios  
Tragou seus olhos redondos de pasmo,  
seu coração apertado na angústia do desconhecido,  
sua trouxa de farrapos*

*Carregando a ânsia enorme, tecida  
de sonhos insatisfeitos  
do mamparra*

...

Há uma série de situações que favorecem ao florescimento das ilusões, a tal angústia pela busca do desconhecido, mas a experiência é adversa. A ida aos *compounds* não se concretiza como experiência de ouro, como anunciam os folhetos de propaganda. Aquilo que seria a realização do emigrante acaba se traduzindo na trouxa de farrapos, ou como os versos sumarizam: "... *sonhos insatisfeitos do mamparra.*"

Ao regressar das minas, o magaíza se revela como um ser deslocado, sem heroicidade nenhuma. Os versos seguintes são um retrato desse regresso inglorioso, de uma figura despojada das marcas de excepcionalidade:

...

*E um dia  
O comboio voltou, arfando, arfando...  
oh Nhanisse, voltou  
E com ele, magaíça,  
de sobretudo, cachecol e meia listrada  
é um ser deslocado  
embrulhado em ridículo.  
Às costas – ah, onde te ficou a trouxa de Sonhos, magaíça?*

---

<sup>59</sup> - MATUSSE, G. (1993), op. cit., pág. 94

*trazes as malas cheias do falso brilho  
dos restos da falsa civilização do compound do Rand  
E na mão,  
Magaíça atordoado acendeu o candeeiro  
À cata das ilusões perdidas,*

Os dois poetas (José Craveirinha e Noémia de Sousa) denunciam a tragédia do magaíza, uma figura marginal, pertencente às classes desfavorecidas da sociedade.

Quanto aos contos, a figura do magaíza é também representada nos dois mundos (inocência e experiência). O *corpus* ilustra esse facto ao descrever as minas como a terra de leite e mel, terra desejada:

*E chegara ao almejado Djone – terra de mel e leite.  
Dos contratos renovados e incessantes descidas às sombrias estruturas  
das minas, ganhou a tísica – protesto mudo da velha mãe a quem  
deixara entre lamentações e embaraços. Assim asseverava Philpot, o  
velho fiel companheiro do componde e conhecedor dos mistérios da  
alma: “Há que retornar a casa”, concluía em jeito de recordação.  
(XM, pp. 44-45)*

No trecho temos os dois momentos previstos na concepção dos géneros de N. Frye. Por um lado, o “Djone” das ilusões representa a inocência e, por outro lado, no mesmo extracto refere-se à tísica que teria sido contraída durante as descidas para o fundo das “galerias”, ao longo dos contratos, representa a

desilusão - a falta do brilho, retratado pelo ambiente sombrio, pelos riscos de se contrair doenças.

Todo esse cenário não corresponde às ilusões que ditaram a emigração, pelo contrário, no lugar de brilho se colhe frustrações. Esta situação é parodiada quando o mineiro é descrito como quem ganhou bacilos.

Em Aldino Muianga, encontramos também a representação da amarga experiência do emigrante, aliás, há um diálogo entre os textos quanto a este aspecto. Abundam na amostra em análise referências à acidentes e, sobretudo, a tuberculose. É um aspecto comum que demonstra a inter-textualidade entre os poemas e os contos seleccionados.

No conto "O Filho de Mussassa", do autor supracitado, retrata-se o regresso do magaiza Mussassane:

*Chegara carregado e não acompanhado, pisando timidamente aquela terra que, anos atrás, deixara, cheio de esperanças por uma vida melhor.*

(XM, pág. 49)

Uma vida melhor seria - usando a concepção de géneros de N. FRYE - o mundo da inocência, contudo, a narrativa acaba revelando o fatídico, ao denunciar as minas como um lugar onde se contrai bacilos. E, ao ser lugar de

doenças, que implicam no caso concreto, a morte, jamais corresponderá ao espaço de realização de sonhos, para a concretização da busca de uma vida melhor vaticinada pelas ilusões.

Num outro excerto do mesmo conto lê-se:

*- Estou feliz por vir morrer em minha casa. Trabalhei anos e anos lá fora. Aprendi muitas coisas e guardei muito dinheiro – começou por dizer Mussassane. A voz soa cava, profundamente cavernosa e arrastada. O corpo magro envolve-se dos panos brancos das sagradas cerimónias e invocações aos antepassados. Fala um pouco inclinado para o fogo brando que crepita no centro do círculo de convidados.*

(XM, pág. 23)

O mundo desejável ditado pelo mito conduziu ao ciclo da ida às minas e no fim do ciclo vem toda a frustração da experiência, onde o dinheiro amealhado em nada serviria. A morte coloca o ponto final à vida do magaíza Mussassane, que tem dias contados devido à tuberculose “ganha” nas profundezas sombrias das minas.

Nos parágrafos subsequentes do conto acima citado, Mussassane teria exigido descer à sua última morada com todas as suas ilusões, nomeadamente moedas e notas. É um final em que há uma espécie de sentença contra a causa da sua morte, uma vez que exigiu ser enterrado com todo o seu dinheiro.



Em Suleman Cassamo, temos também a sequência ilusão-desilusão:

*Musés morreu na mina – informava o recém-chegado, esforçando a voz.  
Soubera de amigos, ele trabalhava noutra “compound”.*

(...)

*Partiu aos dezanove anos sem dizer adeus. Nenhuma carta desde então.  
Chegada a notícia da sua morte, a família vestiu luto. É ainda dentro  
dessas roupas de dor que o Morto encontra a velhota. (RM, pág. 72)*

O jovem teria partido sem se despedir para as minas, mas voltou debilitado. É por isso que é equiparado a um morto, não só devido à falsas notícias indicando a sua morte, mas também pelo seu estado de saúde caótico, pernas finas, um dos sinais da tuberculose.

*O moribundo poisa os olhos na mala encostada à parede defronte.  
Cuspilha para dentro de uma gamela velha e prossegue:*

*- Nessa mala aí trago muito dinheiro, capaz de comprar todas as terras  
de M’pissane, gado e as vossas mulheres. Trago dinheiro e muitas  
moedas de ouro. Sei que vou morrer, o trabalho do Djone roubou-me a  
saúde.*

(...)

*Estou muito feliz por vir morrer em minha casa.*

*Pedi a todos vocês para estarem aqui e escutarem e fazerem cumprir as  
minhas últimas vontades.*

(...)

*Quando eu morrer quero que me enterrem com o meu dinheiro.*

*Ninguém deve chorar a minha morte nem tocar a minha campa até às próximas chuvas*

(XM,pág. 23)

Além das doenças, contam-se mortes e órfãos, como ilustra o trecho seguinte:

*Maxanissa nascera já órfão. O pai acabara soterrado nas minas do Rand, faz já anos. A viúva que à despedida jurara fidelidade eterna ao marido, quando soube do acontecimento cobriu-se de negro para o resto da vida. (XM, pág. 31)*

Nestas situações o mineiro nem sequer volta à região de origem. Entretanto, no *corpus*, cita-se o exemplo de regresso sem membros.

#### 4. 2. Magaíza: O anti-herói

Reis e Lopes afirmam que foi sobretudo a literatura pós-romântica que consagrou a figura do anti-herói<sup>60</sup>, como polo de atracção e veículo de representação dos temas e problemas do seu tempo. Entretanto, uma obra célebre representando o anti herói havia sido publicada antes, referimo-nos a *Dom Quixote*.

Os dois autores sustentam que de um modo geral pode dizer-se que a posição ocupada pelo anti-herói na estrutura da narrativa é, do ponto de vista funcional, idêntica à que é própria do herói: tal como este, o anti-herói cumpre um papel de protagonista e polariza em torno das suas acções as restantes personagens, os espaços em que se move e o tempo em que vive.<sup>61</sup>

Segundo a leitura que fizemos usando conhecimentos sobre o mito e sua relação com a literatura, os textos dos quatro autores pegam no mito em que se constrói uma nova história sem clivagens e desconstróem-na, revelando o anti-herói. Narram factos que transformam o mito social embuído de ilusões. Escrevem um discurso fatídico, que não é povoado pelas marcas de heroicidade.

No poema "Magaíça", de Noémia de Sousa, ao longo dos versos faz-se uma descrição do fenómeno da ida às minas sem nenhuma referência à sua heroicidade, o que faz ganhar expressão um ambiente de folhetos de propaganda falsa, de sonhos insatisfeitos, de um ser deslocado e embrulhado no ridículo.

(...)

*As costas - ah, onde te ficou a trouxa de sonhos magaiça?  
trazes as malas cheias de falso brilho  
dos restos da falsa civilização do compound de Rand.*

---

<sup>60</sup> - REIS, C. / LOPES, A. C.M. (1994), op. cit. Pág. 35

<sup>61</sup> - REIS, C. / LOPES, A. C.M. (1994), op. cit. Pág. 34

*E na mão, Magaiça atordoado acendeu o candeeiro,  
à cata das ilusões perdidas,  
da mocidade e da saúde que ficaram soterradas  
lá nas minas do Jone...*

*A mocidade e a saúde,  
as ilusões perdidas  
que brilharão como astros no decote de qualquer lady  
nas noites deslumbrantes de qualquer city.*

O herói-magaiça devia ser inscrito sempre num espaço ético-ideológico privilegiado, sendo impensável a existência de um herói que pela sua condição social, pela sua psicologia, pelo seu comportamento moral, etc., viesse a pôr em causa os valores sócio-culturais institucionalizados e aceites pelos grupos sociais hegemónicos<sup>62</sup>.

Mas, os mineiros referidos no *corpus* em vez de homens exemplares, segundo o mito, retornam às povoações debilitados:

*(...)  
Hoje  
volta o comboio de Migôdini  
e xitimela grande volta e traz  
podre de doenças o velho gado d'África*

---

<sup>62</sup> - SILVA, V.M.A e (1992), op. cit., pág. 700

*Oh!*  
*faltam cabeças no gado magaíza*  
*faltam pernas no gado magaíza*  
*faltam braços no gado magaíza*  
*faltam homens no gado magaíza*  
(...)  
(XI, pág. 63)

Eis aqui mais um retrato da personagem do emigrante. Nestas duas últimas estrofes do poema "Gado Mamparra-Magaíza", José Craveirinha socorre-se de processos estilísticos para descrever um regresso trágico.

Temos, o primeiro caso, em que há doenças. O segundo, as minas não correspondem à propaganda, uma vez que se faz referência à amputação das cabeças, das pernas, dos braços. Em terceiro, não se oferecem oportunidades para a acumulação. Há, sim, uma desilusão atingindo o extremo da morte. Portanto, nem sequer há chance para desilusão.

O "poeta-mor" animaliza o mineiro com o "...*velho gado d'África*". Noutro verso do mesmo poema cita-se:

(...)  
*Ah!*  
*Venham ver*  
*Venham ver o gado devolvido*  
*Venham ver o gado marcado*

*Venham ver o gado da minha terra*  
*Faltam cabeças no gado magaíza*  
*Faltam cabeças de gente no gado devolvido*  
*(...)*  
*Ah! Gado de raça nos currais d'África*  
*Ah! gado-gente de todo Moçambique*  
*(...)*  
*(XI, pág. 64)*

Estas referências ligam esta poesia nacional dos anos 50 sobre o mineiro ao espírito da época, com forte influência da Negritude de Aime Cesaire e Leopold Senghor. O que existe de particular neste poema e noutras temáticas é a narração de um problema concreto. Em vez de se exaltar África, busca-se na sociedade o elemento mítico vestindo-lhe novas roupagens.

O mesmo poeta (à semelhança dos outros três autores do nosso *corpus*) versifica um "*mamparra*", um "*vendido*", "*comprado*", como se o mineiro fosse mercadoria. Por estas e outras características sinistras, ele jamais poderá ser interpretado como herói.

Nas estrofes seguintes do Poema "*Gado Mamparra-Magaíza*", José Craveirinha antecipa-se no tempo, captando e prevendo um universo de profecia.<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> - MENDONÇA, F., op. cit., pág. 23

(...)

... *Gado comprado!*

... *Gado marcado!*

... *Gado vendido!*

*Ah! Gado libras-ouro de bacilos do Rand*

*Ah! Nunca mais nenhuma vez*

*Gado mamparra*

*Gado magaíza*

*Nunca mais em Moçambique gado comprado*

*Nunca mais gado moçambicano marcado e vendido!*

*Nunca mais!!!*

(XI, pág. 64)

Os três últimos versos citados não só desmitificam o herói-magaíza, profetizando mudanças, onde a migração para as minas jamais terá lugar, como também sublinham essa mudança usando a repetição: "*Nunca mais...*". E, assim, a literatura é um meio assumido de consciencialização e politização,<sup>64</sup>

Para além dos poemas analisados, os contos também apresentam numerosos extractos que desmitificam o herói-magaíza. São retratos de doenças, acidentes, luto, nos quais o emigrante não se revela como herói, mas sim como vítima. Retira-se o papel desempenhado pela história social da tal compensação face à uma situação frustrante. Os valores unificantes (sapiência, brilho, riqueza, etc.)

---

<sup>64</sup> - LARANJEIRA, op. cit., pág. 497

que dão coerência ao grupo são postos em causa. O conto "O Filho de Mussassa", de Aldino Muianga, relata desastres nas minas:

*Há mortos e feridos.*

*Dos escombros, Muzila - Wilfred Pehlane Mazilhugo na intimidade e à moda local - é retirado semi-moribundo, com o corpo esmigalhado e necessitado de cuidados; está entre a vida e a morte e só a sua indómita vontade de viver, para morrer entre os seus, lhe confere ânimo para vencer.*

(XM, pág. 45)

Nos textos, temos uma focalização onisciente em que o ponto de vista predominante é o ponto de vista do narrador experiente e conhecedor de toda a história que conta<sup>65</sup>. A ida às minas, é vista nas obras como fatídica, em vez de heróica.

*E toda a gente ficou a saber: Mussassane voltou do Djone, abastado mas acabado, pronto para entregar o corpo à terra. (XM, pág. 22)*

*Indiferente ao alvoroço da chegada, Mussassane fez questão de reunir o conselho de família. Sente a morte tomar-lhe o corpo, a vida esvair-lhe em cada acesso da tosse. Quer ditar as últimas vontades.*

(XM, pág. 28)

---

<sup>65</sup> - REIS, C. (1992), *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina, pág. 397



Este é um relato de um regresso de um homem destruído pelas minas. A busca das libras, dos sonhos se transformam numa chave para antecipar a sua morte.

*Confortado com umas libras no fundo da bolsa regressa mancando, com uma perna artificial, ao lar acolhedor que em tão má hora abandonara.*

*A velha cabana onde nasceu ruína. À volta é tudo desolação, abandono e morte. (XM, pág. 45)*

*Foi sobre ruínas, estrumadas e regadas com o corpo e lágrimas da defunta Xiketse, que Muzila lançou a semente de uma nova vida.*

*(XM, pág. 45)*

Nos últimos excertos, mais uma vez estamos em presença de um cenário que não tem nada de mítico, ao contrário da imagem construída pela sociedade. Muzila teria partido em má hora, regressa com "umas libras", com uma perna artificial, a cabana ruína, vivia-se um ambiente de desolação, abandono e luto. As ilusões das minas como fontes de resolução dos seus problemas esvaziaram-se, com a agravante de reduzir as suas pernas naturais para uma.

*Numa manhã, Foliche desceu do comboio da Manhã. O impacto foi de um anjo a cair do céu. Mas com a diferença: os anjos não usam navalhas.*

*(XM, pág. 29)*

*Foliche, porque vivido na turbulência do Joni, trazia no sangue a raiva de um tsotsi e mataria, sem dúvida, o rival.*

*(RM, pág. 29)*

Nestes extractos, do conto "Nyeleti", de Sulemane Cassamo, revela-se que as minas são um mundo de turbulência, onde reina a bandidagem (aqui protagonizada pelo mineiro Foliche). Para a descrição, usa-se um termo vulgar na região ao sul do Save "tsotsi", que corresponde ao bandido em português. Também refere-se a arma usada frequentemente por este tipo de bandido a "navalha". O mineiro Foliche ao invés de ser exemplar, semeia o terror, medo que se instalaria com o seu regresso.

É deste modo que o herói-magaíza assume o estatuto de anti-herói, pois, ao contrário de se conformar com os paradigmas aceites e exaltados pela maioria da comunidade, aparece como um indivíduo em ruptura e em conflito com tais paradigmas, valorizando, segundo SILVA<sup>66</sup>, o que a norma rejeita e reprime, nomeadamente a bandidagem.

*Esta cicatriz que aqui vêm... - desnuda o tronco e exhibe um largo talho, de mamilo aombigo, valioso galardão pelo valor e coragem demonstradas em terras de outrém - e narra, sem enfado, as aventuras incríveis do Rand, terras de bandidos e de belas mulheres, onde o vinho e o sangue se confundem, onde a vida e a morte se irmanam.*

- (XM, pág. 45)

---

<sup>66</sup> - SILVA, op. cit., pág. 700

Conclui-se que neste cenário e noutros acima referenciados não se acha o herói-magaíza, confirma-se, pelo contrário, o falso brilho. Não ficou, portanto, evidenciada a heroicidade do mineiro. Pelo contrário, o estatuto de anti-herói estabeleceu-se a partir de uma desmitificação do herói, banalizando o magaíza e apresentando-o eivado de defeitos e limitações.

Numerosos extractos do corpus constituem marcas de desvalorização e na sua condição de protagonista afirma-se pela negativa e o que ficou demonstrado é que o herói-magaíza é apenas um mito desempenhando funções sociais. Os autores pegam no referido mito e constroem um outro discurso revelando o oposto.

## 5. Conclusão

Na primeira leitura que fizemos constatámos que os autores dos textos que constituem a base empírica para o nosso estudo escrevem sobre o fenómeno magaíza como visionários, usando a estratégia de narrador onisciente e focalização interna.

Portanto, são observadores de um processo em que não participam e, de certa forma, projectam as suas visões nas obras, veiculando o elemento mítico, pois, no *corpus* (poemas e contos) o narrador é de uma visão transcendente e apenas conta a viagem cíclica e trágica às minas, destacando os elementos opostos à heroicidade. No *corpus* é tido como herói, mas na maioria dos casos, nas frases seguintes dos extractos em que isso acontece, os discursos avançam para a desmitificação, ilustrando a fragilidade do emigrante perante o sistema que explora a sua força.

Por um lado, ao longo desta dissertação, para sustentar a nossa hipótese de pesquisa recorreremos ao conhecimento da história do sul do Save, tendo ficado demonstrado o contexto de crise em que surgiu o mito, tornando-se evidente que o *corpus* fora construído tendo em conta a imagem social da heroicidade do magaíza, distanciando-se do mito social, revelando o anti-herói.

Por outro, as funções do mito social, ajudaram-nos a chegar a conclusões sobre as razões da origem deste mito, nomeadamente a já referida situação de falha. Entrementes, os conceitos sobre o uso do mito na literatura, sobretudo, como produtor do texto tornou possível ver em que medida o mito pode ser enquadrado na produção literária.

Com esta ferramenta, como sustentação teórica, ficou provado que os dados empíricos recolhidos desmitificam o herói-magaíza ao construir um discurso oposto à imagem do mito social.

Usamos também a conceptualização de N. Frye. Com este modelo focalizamos a questão da visão disfórica e, assim, ficou evidente a situação da inocência do personagem magaíza, no momento da sua partida para as minas, cheio de ilusões decorrentes do mito.

O *corpus* espelha as minas como sendo o mundo trágico, que não corresponde à "terra de leite e mel", através de enumeração de doenças e acidentes das profundezas das minas. Este facto, levou-nos à conclusão de que a emigração (o mundo real) ilustra a disforia, ao não corresponder às expectativas criadas pelo mito.

Como nos referimos, nos poemas e nos contos há um uso sistemático da estratégia do narrador omnisciente, na qual a imagem harmoniosa construída

pela sociedade é desconstruída, revelando o anti-herói e despindo o magaíza do mito de heroicidade.

Na linha dos argumentos, referimo-nos ao longo da nossa explanação a uma série de factos, onde a personagem magaíza não desempenha nenhum papel de herói, o que põe em causa a sua imagem social.

Com este estudo achamos válida a nossa hipótese de pesquisa, segundo a qual:

**Os textos fazem a desmitificação do mito herói-magaíza.**

constituem a base empírica para o nosso estudo escrevem sobre o fenómeno magaíza como visionários, usando a estratégia de narrador omnisciente e focalização interna.

Portanto, são observadores de um processo em que não participam e, de certa forma, projectam as suas visões nas obras, veiculando o elemento mítico, pois, no *corpus* (poemas e contos) o narrador é de uma visão transcendente e apenas conta a viagem cíclica e trágica às minas, destacando os elementos opostos à heroicidade. No *corpus* é tido como herói, mas na maioria dos casos, nas frases seguintes dos extractos em que isso acontece, os discursos avançam para a desmitificação, ilustrando a fragilidade do emigrante perante o sistema que explora a sua força.

Por um lado, ao longo desta dissertação, para sustentar a nossa hipótese de pesquisa recorreremos ao conhecimento da história do sul do Save, tendo ficado demonstrado o contexto de crise em que surgiu o mito, tornando-se evidente que o *corpus* fora construído tendo em conta a imagem social da heroicidade do magaíza, distanciando-se do mito social, revelando o anti-herói.

Por outro, as funções do mito social, ajudaram-nos a chegar a conclusões sobre as razões da origem deste mito, nomeadamente a já referida situação de falha. Entrementes, os conceitos sobre o uso do mito na literatura, sobretudo, como

produtor do texto tornou possível ver em que medida o mito pode ser enquadrado na produção literária.

Com esta ferramenta, como sustentação teórica, ficou provado que os dados empíricos recolhidos desmitificam o herói-magaíza ao construir um discurso oposto à imagem do mito social.

Usamos também a conceptualização de N. Frye. Com este modelo focalizamos a questão da visão disfórica e, assim, ficou evidente a situação da inocência do personagem magaíza, no momento da sua partida para as minas, cheio de ilusões decorrentes do mito.

O *corpus* espelha as minas como sendo o mundo trágico, que não corresponde à “terra de leite e mel”, através de enumeração de doenças e acidentes das profundezas das minas. Este facto, levou-nos à conclusão de que a emigração (o mundo real) ilustra a disforia, ao não corresponder às expectativas criadas pelo mito.

Como nos referimos, nos poemas e nos contos há um uso sistemático da estratégia do narrador onisciente, na qual a imagem harmoniosa construída pela sociedade é desconstruída, revelando o anti-herói e despindo o magaíza do mito de heroicidade.



Na linha dos argumentos, referimo-nos ao longo da nossa explanação a uma série de factos, onde a personagem magaíza não desempenha nenhum papel de herói, o que põe em causa a sua imagem social.

Com este estudo achamos válida a nossa hipótese de pesquisa, segundo a qual:

**Os textos fazem a desmitificação do mito herói-magaíza.**

## Bibliografia

- BARTHES, R., (1978) *Mitologias*, Lisboa, Edições 70
- BERND, Z. (1988), *O que é Negritude*, São Paulo, Editora Brasiliense
- CAPELA, J. (1973) *O Vinho para os pretos*, Porto, Afrontamento
- CASSAMO, S. (1989) *O Regresso do morto*, Maputo, AEMO
- COPAINS, J. et al, (1974) *Antropologia: Ciência de sociedades primitivas?*, Lisboa, Edições 70
- COVANE, L. (1988) *As Relações Económicas entre Moçambique e África do Sul 1850-1964 (acordos e regulamentos principais)*, Maputo, UEM - Arquivo Histórico de Moçambique, estudos n-6
- \_\_\_\_\_ *Emigração clandestina de moçambicanos para as minas e plantações sul-africanas*, in *Boletim do Departamento de História da UEM*, n-8
- CEA, (1977), *O Mineiro moçambicano*, Maputo, CEA (Estudo não publicado)
- CRAVEIRINHA, J., *Xigubo*, Maputo, INLD
- \_\_\_\_\_ (1974), *Karingana ua Karingana, Lço-Marques, Edições Académica*
- Depto de História – Faculdade de Letras da UEM (1988) *História de Moçambique*, vol. I, Maputo, Cadernos Tempo
- \_\_\_\_\_ (1983) *História de Moçambique*, vol. II, Maputo, Cadernos Tempo
- \_\_\_\_\_ (1994), *História de Moçambique*, Maputo, UEM, vol. III,
- ECO, H. (1989), *O Signo*, Lisboa, Editorial Presença,
- FACHIN (1993), *Os Fundamentos de Metodologia*, São Paulo, Atlas
- FELICIANO, J. F.(1989), *Antropologia Económica dos Thonga do Sul de Moçambique*, (tese de doutoramento) Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Vol. I
- FERREIRA, M. (1986), *Literaturas Africanas de Expressão portuguesa*, 2 vols, 2-ed., Lisboa, ICALP,
- HAMILTON, R. (1984) *Literatura Africana, Literatura Necessária II - Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe*, Lisboa, Edições 70, 1984
- HARRIES, P. (1990) *La Symbolique du Sexe: L'identité Culturelle ao Début de L'exploitation des Mines d'Or du Witwatersrand* - in *Cahiers d'études Africaines*, 120, XXX (4), pág. 189-192 (traduzido)
- JUNOD, H. A. (1974), *Usos e Costumes dos Bantos*, Lourenço Marques, Imprensa Nacional de Moçambique, vol. I
- LARANJEIRA, P. (1995) *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Afrontamento
- LEITE, A. M. (1991), *A Poética de José Craveirinha*, Lisboa, Vega
- LOFORTE, A. M. (1987) *Migrantes e a sua Relação com o meio rural* (Trabalhos de Antropologia)

- LUKÁCS (1981) *Sociologia*, São Paulo, Editora Ática, (Org. por José Paulo Neto) pp. 173/203
- MACHADO, A.M. / PAGEAUX, D.H., (1988) *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70
- MACHADO, A.M. (1983), *O Mito do Oriente na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve
- MARGARIDO, A. (1980), *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, A Regra de Jogo, 1980
- MATUSSE, G. (1993), *A Construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khossa*, (tese de mestrado), Lisboa, Univesidade Nova de Lisboa) 1993
- MEILLASSOUX, C. (1977), *Mulheres, Celeiros e Capitais*, Porto, Edições Afrontamento
- MENDES, O. (1980), *Sobre a Literatura Moçambicana*, Maputo, Instituto Nacional de Livro e Disco
- MENDONÇA, F. (1988) *Literatura Moçambicana: A história e a escrita*, Maputo, UEM
- MONDLANE, E. (1976) *Lutar por Moçambique*, Lisboa, Sá da Costa
- MUIANGA, A. (1987), *Xitala Mati*, Maputo, AEMO
- PANGUANA, M. (1988), Os Livros do nosso Crescimento in *Lua Nova*, Maputo, AEMO
- PÉLISSIER, R. (1988) *História de Moçambique: Formação e Oposição 1854-1918*, vol. II,
- REIS, C. / LOPES, A.C.M.(1994) *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina
- REIS, C. (1992) , *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra, Livraria Almedina
- SILVA, V.M.A. e, (1991) *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina
- SOUZA, R. A. (1987), *Teoria de Literatura*, São Paulo, Editora Ática
- VARGA, A. K. (1981), *Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença
- WELLEK, R., WARREN, A., (1972) *Teoria da Literatura*, Lisboa, Publicações Europa-América
- WUYTS, M. (1978), *Camponeses e Economia rural em Moçambique*, CEA
- YLLERA, A. (1979), *Estilística, Poética e Semiótica Literária*, Coimbra, Livraria Almedina
- KI-ZERBO, J. (1972) *História de África*, Lisboa, Publicações Europa-América, vol. II